

MÉTODOS QUANTITATIVOS E QUALITATIVOS: UM RESGATE TEÓRICO

Michael Samir Dalfovo¹
Rogério Adilson Lana²
Amélia Silveira³

RESUMO

A realização de estudos sobre tipos e métodos de pesquisa sempre provocaram divergências e discussões, principalmente no meio acadêmico. Percebe-se a importância dessa discussão para o meio acadêmico, pois os alunos geralmente possuem problemas em definir qual o método estão utilizando, como também pesquisadores para a construção do conhecimento. Neste sentido, este artigo se propôs a realizar um resgate sobre alguns conceitos e definições de autores consagrados. Ao final, volta-se o foco para estudos sociais principalmente os ligados a administração. Contudo, espera-se com esse artigo contribuir para uma melhor definição dos processos de pesquisa.

Palavras-chave: Conhecimento. Pesquisa. Método.

1 CONHECIMENTO

Desde a história mais remota do homem primitivo, sabe-se da ânsia de conhecimento, a busca insana pela sabedoria, fazendo com que o homem começasse a pensar com base nas suas observações evoluindo seus conhecimentos desde as concepções astrológicas evoluindo até registros em papiros a fim de realmente tornar o conhecimento explícito. Pode-se dizer cientificamente, que o conhecimento sofreu várias fases, na qual se fundou em vários tipos. (FACHIN, 2003; RAMOS; RAMOS; BUSNELLO, 2005).

De acordo com Fachin (2003, p. 5 – 10), os tipos de conhecimentos são o filosófico, tendo como propulsor Tales de Mileto em “Atenas na luta contra os persas” na Roma. Após este, expandiu-se a Grécia na qual, vários filósofos demonstraram seus conhecimentos, bem como: Sócrates, Platão e Aristóteles. O conhecimento filosófico é o pensamento crítico reflexivo para gerar coerências nas informações. Em Ramos; Ramos; Busnello (2005), o conhecimento filosófico é apresentado como respostas aos

¹ Instituto Blumenauense de Ensino Superior, msdalfovo@gmail.com

² Instituto Blumenauense de Ensino Superior, ral.adm@terra.com.br

³ Universidade Regional de Blumenau, amelia@furb.br

problemas que rodeiam o ser humano em seu contexto histórico. Porém, tanto em Fachin (2003) como em Ramos; Ramos; Busnello (2005), o conhecimento filosófico é considerado como originador do raciocínio lógico.

O segundo tipo de conhecimento a ser citado, sem seguir nenhuma ordem específica é conhecimento teológico, em que, Fachin (2003); Ramos; Ramos; Busnello (2005), abordam como a resposta para perguntas que o homem não consegue responder com base em outros conhecimentos, tendo como principal objeto de estudo a fé e crenças do ser humano. Os dois autores exemplificam como objetos de estudo, Deus.

O conhecimento empírico é conceituado por Fachin (2003) como a resposta para ocorrências baseada na vivência, experiência de erros e acertos, que não possuem fundamentação metodológica. Já em Ramos; Ramos; Busnello (2005) acrescenta o conceito anterior a concepção do autor em que o conhecimento empírico é estabelecido pela experiência do outro ensinado e da interação humana e social, na qual são explicitados conhecimentos implícitos individuais e antes em grupo.

O que é mais estudado e difundido, o conhecimento científico, se apresenta para Fachin (2003) como o resultado de uma investigação que segue uma metodologia, baseada na realidade de fatos e fenômenos capaz de analisar, descobrir, concluir, criar e resolver novos e antigos problemas. Em Ramos; Ramos; Busnello (2005), o mesmo conhecimento só é realizado quando trabalhado em dados e fatos. Além disso, o mesmo autor, ressalta que precisa sofrer uma análise documental e textual, de como é realizada a metodologia para verificar os resultados da pesquisa realizada.

Para Ramos; Ramos; Busnello (2005) ainda há um outro tipo de conhecimento, o tecnológico, que é abordado como um auxílio para os outros tipos de conhecimento, defendendo a idéia de que como antigamente os meios naturais já influenciavam nas pesquisas, as inovações tecnológicas, não podem ficar excluídas, visto avanços nas várias áreas conhecimento: engenharia, biologia, sociais, entre outra e até a própria tecnologia.

Pode-se então perceber, que não importando o tipo de conhecimento, há implicitamente a não ser no conhecimento científico, a busca por uma estruturação de fases e sistemas que organizassem melhor tanto o conhecimento, como a forma de se alcançar o resultado. É esta fase e estrutura a seguir que será abordada neste estudo, visando compreender melhor o método de pesquisa.

2 MÉTODO DE PESQUISA

Para se começar uma pesquisa, Asti Vera (1979), defende a idéia que o propulsor para um estudo é o problema pois sem ele não há razão de realizar a pesquisa.

Em Ander – Egg (1978), já tinha uma concepção estruturada de pesquisa aliada ao conhecimento, na qual a classificava como um procedimento. Este procedimento consistia em um sistema que pudesse ser controlado, avaliado, mas que acima de tudo descobrisse novos dados e informações, não se restringindo a nenhum tipo específico de conhecimento. Aplicada as ciências sociais, Marconi; Lakatos (2002), definem pesquisa como instrumento fundamental para a resolução de problemas coletivos. Pois, Sellitz et al (1965) defendia que a definição e respeito a aplicação dos métodos é que realmente poderia trazer resultados nem sempre satisfatórios mas com certeza fidedignos.

Em conformidade com Marconi; Lakatos (2002), quando a respeito de uma das características da pesquisa, podendo até enquadrar-se como um dos primeiros passos de uma pesquisa, que é de acordo com o autor a exploração técnica, sistemática e exata, onde o pesquisador basea-se em estudos já realizados por teóricos anteriores e pesquisas, a fim ter a certeza do método a ser trabalhado e se realmente está com o delineamento correto. Da mesma forma, Silveira (2004), denomina este procedimento de revisão de literatura. Além disso, Marconi; Lakatos (2002), apontam para a necessidade de registrar na própria pesquisa a fonte e referência de onde foram retiradas as informações. Para isso, no Brasil segue-se um padrão que é definido pela Associação Brasileira de Normas Técnicas, ABNT (2005).

3 TIPOS DE PESQUISA

Pode-se perceber uma diferença de como as pesquisas podem ser classificadas ou estereotipadas, segundo alguns autores abaixo.

Ander – Egg (1978), dividi a pesquisa em fundamental, por aquela que possui caráter científico e a aplicada, que é feita na prática sem preocupação junto a ciência.

Hymann (1967), indica pesquisa como descritiva, na qual descreve um fenômeno e registra a maneira que ocorre e, também como experimental, quando há interpretações e avaliações na aplicação de determinados fatores ou simplesmente dos resultados já existentes dos fenômenos.

Além destes quatro tipos, Best (1977), acrescenta nos tipos de pesquisa, a histórica, na qual pode se enquadrar dentro dos moldes da revisão de literatura.

Há outras abordagens de classificações da pesquisa. Alguns pesquisadores dividem em monodisciplinares, interdisciplinares e multidisciplinares. É o caso de Pardinas (1977); Abramo (1979).

De maneira geral, em vários autores classificaram como partes de uma pesquisa a população como o conjunto a que se pretende estudar e indivíduo uma peça deste conjunto. Apesar ainda de alguns autores classificarem amostra também como população, a amostra tem como corpo uma fração da população delineada na pesquisa.

Outra parte da pesquisa, foram as características como sendo aspectos específicos de uma população e variáveis como sendo a apresentação destes aspectos dentro de um contexto. Os valores ou modalidades é a explicitação das peculiaridades da amostra que enquadram dentro das variáveis.

Boente; Braga (2004), classifica a pesquisa em acadêmica quando possui fins científicos e pesquisa de ponta, na qual é considerada pelo autor como científico mas com enfoque ao mercado e não ao conhecimento. Dentro destas duas classificações os mesmos autores ainda caracterizam a pesquisa de acordo com algumas fases da pesquisa.

Então, segundo os objetivos são caracterizados em:

- a) descritiva – estando dentro de análises quantitativas e qualitativas, quando há um levantamento de dados e o porquê destes dados;
- b) exploratória – a investigação de algum objeto de estudo que possui poucas informações;
- c) explicativa – informar e explicar a ocorrência de algum fenômeno.

Segundo os procedimentos de coleta de uma pesquisa:

- a) experimental – envolve algum tipo de experimento que deve seguir um método a rigor científico para que a estrutura se faça eficiente;
- b) ex – post – facto – é parecida com a experimental, só que aqui não é possível ter controle dos fenômenos que ocorrem durante o estudo;
- c) levantamentos – foca-se a pesquisa em diretrizes para se alcançar o objeto de estudo;
- d) pesquisa – participante – os participantes são considerados um dos problemas da pesquisa;
- e) estudo de caso – trabalha aspecto específico de um fenômeno e suas decorrências;
- f) pesquisa bibliográfica e documental – ponto de partida de toda pesquisa. como já foi abordado é a revisão de literatura.

Segundo fontes de informação:

- a) de campo – geralmente utiliza-se da observação e conhecimento empírico;
- b) de laboratório – realizado em condições artificiais;
- c) qualitativa e quantitativa – levam como base de seu delineamento as questões ou problemas específicos. adota tanto em um quanto em outro a utilização de questionários e entrevistas. os autores boente; braga (2004), colocam que não importa a pesquisa sempre haverá antes algum contexto que terá a parte quantitativa, diferindo desta forma de diversos autores;
- d) social – identificar aspectos importantes do objeto de estudo em determinado grupo social;
- e) histórica – tudo que envolve o estudo em cima de algo que já ocorreu;
- f) teórica – realiza para analisar e estudar releituras de teorias já firmadas;
- g) aplicada – é a práxis para resolver determinado problema;
- h) intervencionista – a fim de alterar algum fenômeno da realidade.

O autor defende esta divisão, mas ressalta em Boente; Braga (2004), para que sejam sempre trabalhadas em conjunto. Outro autor que trabalha com as mesmas definições porém com conceitos diferentes é Gil (1991; 1997).

Ramos; Ramos; Busnello (2005), também tem sua própria forma de classificar uma pesquisa. Quanto a natureza:

- a) básica – novos conhecimentos para a ciência;
- b) aplicada – novos conhecimentos para a prática.

Quanto a abordagem do problema:

- a) quantitativa – tudo que pode ser mensurado em números, classificados e analisados. utiliza-se de técnicas estatísticas;
- b) qualitativa – não é traduzida em números, na qual pretende verificar a relação da realidade com o objeto de estudo, obtendo várias interpretações de uma análise indutiva por parte do pesquisador.

Em sentido amplo, para Richardson (1989, p. 29) “(...) método em pesquisa significa a escolha de procedimentos sistemáticos para a descrição e explicação de fenômenos”. Desta forma, todo trabalho de pesquisa deve ser planejado e executado de acordo com as normas que acompanham cada método.

As duas estratégias de pesquisa, em termos de aplicabilidade, podem ser chamadas de abordagem qualitativa e abordagem quantitativa, utilizando-se uma classificação bastante ampla.

Segundo Diehl (2004) a escolha do método se dará pela natureza do problema, bem como de acordo com o nível de aprofundamento. Ademais, estes métodos são diferenciados, além da forma de abordagem do problema, pela sistemática pertinente a cada um deles (RICHARDSON, 1989).

Diehl (2004) apresenta um esboço acerca destas duas estratégias:

- a) a pesquisa quantitativa pela uso da quantificação, tanto na coleta quanto no tratamento das informações, utilizando-se técnicas estatísticas, objetivando resultados que evitem possíveis distorções de análise e interpretação, possibilitando uma maior margem de segurança;

- b) a pesquisa qualitativa, por sua vez, descrevem a complexidade de determinado problema, sendo necessário compreender e classificar os processos dinâmicos vividos nos grupos, contribuir no processo de mudança, possibilitando o entendimento das mais variadas particularidades dos indivíduos.

De modo geral quantitativa é passível de ser medida em escala numérica e qualitativa não. (ROSENTAL; FRÉMONTIER-MURPHY, 2001).

4 QUANTITATIVA

Seguindo ensinamentos de Richardson (1989), este método caracteriza-se pelo emprego da quantificação, tanto nas modalidades de coleta de informações, quanto no tratamento dessas através de técnicas estatísticas, desde as mais simples até as mais complexas.

Conforme supra mencionado, ele possui como diferencial a intenção de garantir a precisão dos trabalhos realizados, conduzindo a um resultando com poucas chances de distorções.

De uma forma geral, tal como a pesquisa experimental, os estudos de campo quantitativos guiam-se por um modelo de pesquisa onde o pesquisador parte de quadros conceituais de referência tão bem estruturados quanto possível, a partir dos quais formula hipóteses sobre os fenômenos e situações que quer estudar. Uma lista de conseqüências é então deduzida das hipóteses. A coleta de dados enfatizará números (ou informações conversíveis em números) que permitam verificar a ocorrência ou não das conseqüências, e daí então a aceitação (ainda que provisória) ou não das hipóteses. Os dados são analisados com apoio da Estatística (inclusive multivariada) ou outras técnicas matemáticas. Também, os tradicionais levantamentos de dados são o exemplo clássico do estudo de campo quantitativo (POPPER, 1972).

Richardson (1989) expõe que este método é frequentemente aplicado nos estudos descritivos (aqueles que procuram descobrir e classificar a relação entre variáveis), os quais propõem investigar “o que é”, ou seja, a descobrir as características de um fenômeno como tal.

Também, entre os tipos de estudos quantitativos, segundo Diehl (2004) pode-se citar os de correlação de variáveis ou descritivos (os quais por meio de técnicas estatísticas procuram explicar seu grau de relação e o modo como estão operando), os estudos comparativos causais (onde o pesquisador parte dos efeitos observados para descobrir seus antecedentes), e os estudos experimentais (que proporcionam meios para testar hipóteses).

No planejamento deste tipo de estudo, o primeiro passo a ser dado é no sentido de identificar as variáveis específicas que possam ser importantes, para assim poder explicar as complexas características de um problema (RICHARDSON, 1989).

Outrossim, segundo Richardson (1989), embora muitos experimentos em Ciências Sociais estejam limitados pelas características dos sujeitos, pelo instrumento de avaliação empregados, fator de tempo, disposição de pessoas, o que pode implicar grave incorreção é a grande tendência dos profissionais em fazer generalizações com base nos resultados dos experimentos.

Em Tripoldi (1981, p. 48), enquadra estudos quantitativos-descritivos como uma categoria dentro da pesquisa. Esta categoria, ainda possui sub-divisões, ou como cita o autor propósitos, bem como de modo geral a “verificação de hipóteses e a descrição de relações quantitativas entre variáveis especificadas”.

O primeiro propósito se destina a hipóteses de causa-efeito ou então as hipóteses que inter relacionam duas ou mais variáveis.

O segundo propósito serve para correlacionar várias variáveis específicas para responder as questões específicas da pesquisa.

O autor Tripoldi (1981, p. 51) ressalta que características experimentais de busca aleatória e o trabalho em cima de variáveis independentes não podem fazer parte de estudos quantitativo-descritivos.

A pesquisa classificada, desde que, se tenha controle sobre as variáveis podem assumir papel importante em estudos quantitativo-descritivos.

A técnica mais conhecida para se trabalhar neste sentido é o método de survey. (HYMAN, 1967).

A coleta de dados geralmente é realizada nestes estudos por questionários e entrevistas que apresentam variáveis distintas e relevantes para pesquisa, que em análise é geralmente apresentado por tabelas e gráficos.

A pesquisa não pode possuir estudo quantitativo-descritivo quando for de caráter experimental (TRIPOLDI, 1981, P. 52 – 59).

A expressão dos dados pode ser abordada conforme Marconi (1982), ao revelar que devem ser expressos com medidas numéricas. Defende ainda que técnicas quânticas de análise e tratamento dos dados apresentam melhor compreensão, mais objetivo, dinamizam o processo de relação entre variáveis.

Pois em Marconi (1982) a pesquisa quantitativa também é apresentada como “semântica quantitativa e análise de conteúdo”, trabalhando e mensurando dados de uma base textual.

5 QUALITATIVA

Este método difere, em princípio, do quantitativo, à medida que não emprega um instrumental estatístico como base na análise de um problema, não pretendendo medir ou numerar categorias (RICHARDSON, 1989).

Os estudos de campo qualitativos não tem um significado preciso em quaisquer das áreas onde sejam utilizados. Para alguns, todos os estudos de campo são necessariamente qualitativos e, mais ainda, como já comentado, identificam-se com a observação participante.

Podemos partir do princípio de que a pesquisa qualitativa é aquela que trabalha predominantemente com dados qualitativos, isto é, a informação coletada pelo pesquisador não é expressa em números, ou então os números e as conclusões neles baseadas representam um papel menor na análise.

Dentro de tal conceito amplo, os dados qualitativos incluem também informações não expressas em palavras, tais como pinturas, fotografias, desenhos, filmes, vídeo tapes e até mesmo trilhas sonoras (TESCH, 1990).

Para estudos em Administração de Empresas, essa conceituação pode ser adaptada. Conservando a idéia de que a pesquisa qualitativa não envolve a quantificação de fenômenos, em Administração ela pode ser associada com a coleta e análise de texto (falado e escrito) e a observação direta do comportamento.

Evidentemente, existem alguns métodos mais apropriados a tal coleta e análise: entrevistas abertas, observação participante, análise documental (cartas, diários, impressos, relatórios, etc.), estudos de caso, história de vida, etc.

Mais do que tais métodos, interessam-nos aqui as características básicas da pesquisa qualitativa. Sem pretender esgotá-las, pode-se dizer que incluem (CASSEL; SYMON, 1994, p. 127 - 129):

- a) um foco na interpretação ao invés de na quantificação: geralmente, o pesquisador qualitativo está interessado na interpretação que os próprios participantes tem da situação sob estudo;
- b) ênfase na subjetividade ao invés de na objetividade: aceita-se que a busca de objetividade é um tanto quanto inadequada, já que o foco de interesse é justamente a perspectiva dos participantes;
- c) flexibilidade no processo de conduzir a pesquisa: o pesquisador trabalha com situações complexas que não permite a definição exata e a priori dos caminhos que a pesquisa irá seguir;
- d) orientação para o processo e não para o resultado: a ênfase está no entendimento e não num objetivo pré determinado, como na pesquisa quantitativa;
- e) preocupação com o contexto, no sentido de que o comportamento das pessoas e a situação ligam-se intimamente na formação da experiência;
- f) reconhecimento do impacto do processo de pesquisa sobre a situação de pesquisa: admite-se que o pesquisador exerce influência sobre a situação de pesquisa e é por ela também influenciado.

Infelizmente, a pesquisa qualitativa não tem ainda o papel de destaque que deveria ter. Muitos pesquisadores a evitam, em nome de uma pretensa neutralidade científica e de um rigor metodológico mais próprio da ciência natural. Identificando algumas características dos estudos qualitativos como:

- a) os dados são coletados preferencialmente nos contextos em que os fenômenos são construídos;
- b) a análise de dados é desenvolvida, de preferência, no decorrer do processo de levantamento destes;
- c) os estudos apresentam-se de forma descritiva, com enfoque na compreensão à luz dos significados dos próprios sujeitos e de outras referências;
- d) a teoria é construída por meio de análise dos dados empíricos, para posteriormente ser aperfeiçoada com a leitura de outros autores;
- e) a interação entre pesquisador e pesquisado é fundamental, razão pela qual se exige do pesquisador diversos aperfeiçoamentos, principalmente em técnicas comunicacionais;
- f) a integração de dados qualitativos com dados quantitativos não é negada, e sim a complementaridade desses dois modelos é estimulada.

Por sua vez, para Minayo (1994) as relações entre abordagens qualitativas e quantitativas demonstram que:

- a) as duas metodologias não são incompatíveis e podem ser integradas num mesmo projeto;
- b) que uma pesquisa quantitativa pode conduzir o investigador à escolha de um problema particular a ser analisado em toda sua complexidade, através de métodos e técnicas qualitativas e vice-versa;
- c) que a investigação qualitativa é a que melhor se coaduna ao reconhecimento de situações particulares, grupos específicos e universos simbólicos.

REFERÊNCIAS

ABNT. **Institucional**. Disponível em: <<http://www.abnt.org.br>>. Acesso em: 25 mar. 2005.

DALFOVO, Michael Samir; LANA, Rogério Adilson; SILVEIRA, Amélia. Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico. **Revista Interdisciplinar Científica Aplicada**, Blumenau, v.2, n.4, p.01-13, Sem II. 2008
ISSN 1980-7031

ABRAMO, Perseu. Pesquisa em ciências sociais. In: HIRANO, Sedi (Org.). **Pesquisa social: projeto e planejamento**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.

ANDER – EGG, Ezequiel. **Introducción a lãs técnicas de investigación social: para trabajadores sociales**. 7. ed. Buenos Aires: Humanitas, 1978.

ASTI VERA, Arnaldo. **Metodologia da pesquisa científica**. 5. ed. Porto Alegre: Globo, 1979.

BEST, J. W. **Como investigar em educación**. 2. ed. Madri: Morata, 1972.

BOENTE, Alfredo; BRAGA, Gláucia. **Metodologia científica contemporânea**. Rio de Janeiro: Brasport, 2004.

CASSELL, Catherine; SYMON, Gillian. **Qualitative methods in organizational research**. London: Sage Publications, 1994.

DIEHL, Astor Antonio. **Pesquisa em ciências sociais aplicadas: métodos e técnicas**. São Paulo: Prentice Hall, 2004.

FACHIN, Odilia. **Fundamentos de metodologia**. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 2003.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projeto de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

_____. **Metodologia do ensino superior**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1997.

HYMANN, Hebert. **Planejamento e análise da pesquisa: princípios, casos e processos**. Rio de Janeiro: Lidador, 1967.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento científico: pesquisa qualitativa em saúde**. 2. ed. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1994

DALFOVO, Michael Samir; LANA, Rogério Adilson; SILVEIRA, Amélia. Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico. **Revista Interdisciplinar Científica Aplicada**, Blumenau, v.2, n.4, p.01-13, Sem II. 2008

ISSN 1980-7031

PARDINAS, Felipe. **Metodología y técnicas de investigación em ciencias sociales**. 2. ed. México: Siglo Veintiuno, 1977.

POPPER, Karl. **A lógica da pesquisa científica**. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1972.

RAMOS, Paulo; RAMOS, Magda Maria; BUSNELLO, Saul José. **Manual prático de metodologia da pesquisa**: artigo, resenha, projeto, TCC, monografia, dissertação e tese.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1989.

ROSENTAL, Claude; FRÉMONTIER-MURPHY, Camille. **Introdução aos métodos quantitativos em ciências humanas e sociais**. Porto Alegre: Instituto Piaget, 2001.

SELLTIZ, C. et al. **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. São Paulo: Heder, 1965.

SILVEIRA, Amélia. (Org.). **Roteiro básico para apresentação e editoração de teses, dissertações e monografias**. 2. ed. Blumenau: Edifurb, 2004. p. 103 – 106.

TESCH, Renata. **Qualitative research**: analysis types and software tools. Basingstoke: The Falmer Press, 1990.